



**Marcelo Pereira da Silva
(Organizador)**

Linguagens e Princípios Teórico-Metodológicos das Ciências da Comunicação

Atena
Editora
Ano 2020



**Marcelo Pereira da Silva
(Organizador)**

Linguagens e Princípios Teórico-Metodológicos das Ciências da Comunicação

Atena
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Karine de Lima

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloí Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L755	<p>Linguagens e princípios teóricos metodológicos das ciências da comunicação [recurso eletrônico] / Organizador Marcelo Pereira da Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-81740-11-5 DOI 10.22533/at.ed.115201902</p> <p>1. Comunicação – Pesquisa – Brasil. 2. Comunicação – Metodologia. I. Silva, Marcelo Pereira da.</p> <p style="text-align: right;">CDD 303.4833</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O e-book “Linguagens e Princípios Teórico-Metodológicos das Ciências da Comunicação” comunga artigos de pesquisadores de diferentes regiões do Brasil que aprofundam, analisam e problematizam temáticas umbilicalmente ligadas à Comunicação, abarcando teorias, metodologias, empirias, análises e linguagens da sociedade pós-moderna, entrecortadas pelo processo de midiatização e pela cultura do consumo.

Os artigos que aqui reunidos são cruciais para a compreensão da realidade social, econômica, política, cultural e educacional do Brasil, visto que abarcam fenômenos próprios deste tempo e apresentam oportunidades, desafios, possibilidades, etc., para a transformação social e a construção de um mundo melhor.

A Comunicação não é a panaceia para os dilemas e enfrentamentos atuais, mas pode, por meio de táticas, estratégias, processos e investigações, colocar na ribalta questões que fundamentam a vida em sociedade e são verdadeiros a espinha dorsal para a melhoria das condições habitativas, relacionais, interativas e humanas em um tempo investido de ambivalência, desgovernabilidade e ausência de sentido.

As imbricações, os diálogos e os duelos entre diferentes teorias, proposições e autores que este e-book aglutina produzem novas e emergentes perspectivas às Ciências da Comunicação: olhares transversos sobre um mesmo objeto são postulados, permitindo reformulações; determinismos são abandonados e relativizações colocadas como premissa, levando em conta que o campo da Comunicação ainda se encontra em construção e mostra-se essencialmente transdisciplinar, intradisciplinar, multidisciplinar e interdisciplinar.

Na construção deste e-book, processos associativos e relacionais foram captados em um sentido produtivo na formação de novas semioses, já que experiência é empreender, colocar à prova, vivenciar. Experiência é experimentação, ensaio, verificação. O valor de um trabalho como este reside no seu processo, nos degraus de passagem de um estágio a outro, na incorporação do conhecimento, concatenação de dados e informações, pois a informação rara e o estranhamento fazem parte do jogo dialético da produção científica.

Os saberes existem no mundo externo, porém apenas se realizam como linguagem e propriedade de Comunicação quando aprendemos e apreendemos os processos de representação ou substituição que os significam. Os conteúdos representados, enunciados e materializados neste e-book fazem parte de práticas de intelecção de seus colaboradores, lançando olhares acerca da problemática e dos (di)lemas das Linguagens e dos Princípios Teórico-Metodológicos das Ciências da Comunicação na contemporaneidade.

Marcelo Pereira da Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A INCLUSÃO ESCOLAR DOS ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E O PAPEL DA FAMÍLIA NO PROCESSO EDUCACIONAL	
Maria da trindade Rodrigues de Sarges Oselita de Figueiredo Correa João Batista Santos de Sarges Eliane Sueli Araújo Nery Jhonys Benek Rodrigues de Sarges José Francisco da Silva Costa	
DOI 10.22533/at.ed.1152019021	
CAPÍTULO 2	22
A PARTICIPAÇÃO FAMILIAR NA ESCOLA EMEIF CRISTO SALVADOR NA COMUNIDADE MAÚBA-ABAETETUBA-PA	
Fernanda Carvalho de Sarges Oselita de Figueiredo Correa Édésio da Silva Pinheiro Graciélma Mesquita Vasconcelos Claudete Rodrigues Lobato Poliana Silva Costa Sebastião Gomes Silva Armando de Nazaré Fayal Barra José Francisco da Silva Costa	
DOI 10.22533/at.ed.1152019022	
CAPÍTULO 3	41
A INTERVENÇÃO É A MENSAGEM: MÍDIAS LÚDICAS PARA A CIDADANIA	
Isabela de Mattos Ferreira Vera Lúcia Moreira dos Santos Nojima	
DOI 10.22533/at.ed.1152019023	
CAPÍTULO 4	50
AÇÕES SÍGNICAS A PARTIR DE ÍCONES CULTURA ERUDITA	
Gilmar Adolfo Hermes	
DOI 10.22533/at.ed.1152019024	
CAPÍTULO 5	60
ASSESSORIA EM MÍDIAS SOCIAIS: NOVAS TRAJETÓRIAS, OUTRAS FUNÇÕES PARA O JORNALISTA	
Marluce Zacariotti Sarah Mary Pires de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.1152019025	
CAPÍTULO 6	76
O FEMINISMO DE TERCEIRO MUNDO E AS PERSONAGENS VIÚVA PORCINA E LULU NA TELENOVELA <i>ROQUE SANTEIRO</i>	
Ariane Andrade Fabreti	
DOI 10.22533/at.ed.1152019026	

CAPÍTULO 7	87
LETRAMENTO EM MARKETING E O CONSUMO COMPLEXO	
Jônio Machado Bethônico	
DOI 10.22533/at.ed.1152019027	
CAPÍTULO 8	102
COMUNICAÇÃO, COTIDIANIDADE E SOCIEDADE DE CONSUMO: SENTIDOS DE ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL NO DISCURSO DO <i>MC DONALD'S</i>	
Marcelo Pereira da Silva	
Jéssica de Cássia Rossi	
DOI 10.22533/at.ed.1152019028	
SOBRE O ORGANIZADOR	116
ÍNDICE REMISSIVO	117

O FEMINISMO DE TERCEIRO MUNDO E AS PERSONAGENS VIÚVA PORCINA E LULU NA TELENOVELA *ROQUE SANTEIRO*

Data de submissão: 10/11/2019

Data de aceite: 11/02/2020

Ariane Andrade Fabreti

UNIFAMMA – Centro Universitário FAMMA de
Maringá
Maringá-PR

<http://lattes.cnpq.br/1671645088308144>

RESUMO: o sucesso da novela *Roque Santeiro*, da autoria de Dias Gomes e de Aguinaldo Silva, produzida e exibida pela Rede Globo entre 1985 e 1986, se deu, dentre outros aspectos, pela construção alegórica de seu enredo, que demonstrou algumas idiosincrasias do Brasil pós-ditadura militar e, ainda, fazia uma crítica a essa mesma ditadura por meio da história do falso mito Roque Santeiro, cuja santificação popular e informal movimenta uma poderosa engrenagem econômica, política e social, na fictícia cidade de Asa Branca. Porém por trás do caráter arquetípico de suas personagens, especialmente as femininas, há a carnavalização bakhtiniana, tornando as suas personalidades mais complexas do que elas aparentam na superfície. O presente trabalho se propõe a analisar, por meio de duas personagens principais da telenovela, a fazendeira viúva Porcina (Regina Duarte) e a dona de casa Lulu (Cássia Kis Magro), como

ambas utilizam tal complexidade para reverter as visões fixas, a-históricas sobre as mulheres do Terceiro Mundo. Visões estas preconizadas por algumas teorias feministas do Primeiro Mundo, questionadas por estudiosas como Brah (1996) e Mohanty (2003).

PALAVRAS-CHAVE: *Roque Santeiro*. Telenovela. Feminismo. Terceiro Mundo. Audiovisual.

THE THIRD'S WORLD FEMINISM AND THE CHARACTERS PORCINA THE WIDOW AND LULU FROM A SOAP OPERA CALLED *ROQUE SANTEIRO*

ABSTRACT: the soap opera called *Roque Santeiro*, written by Dias Gomes and Aguinaldo Silva, produced and broadcasted by Rede Globo TV Broadcasting on 1985-1986, was really succeed. This triumph was a consequence from, at least, one aspect, the allegoric construction of its storyline, which showed some Brazil's idiosyncrasies after the military dictatorship period, and at same time, criticized this government throught its main plot: the story of *Roque Santeiro*, the false myth, which its popular and informal sanctification, what happens on the fictional city Asa Branca, makes a powerful economic, politic and social system works. Behind its characters' archetypal construction, especially the female ones, this

soap opera brings a Bakhtin carnivalization, what becomes these female characters more complex than its images on the surface. This article intends to analyze, through two female main characters from *Roque Santeiro*, Porcina, widow and landowner (played by Regina Duarte) and Lulu, a housewife (played by Cássia Kis Magro). The purpose is to understand how both of them reverse the steady and ahistorical concepts about women from third world countries. These concepts are statements from some first world countries' feminist theories, questioned by scholars as Brah (1996) and Mohanty (2003).

KEYWORDS: *Roque Santeiro*. Soap opera. Feminism. Third world countries. Audio-visual.

1 | CONSIDERAÇÕES INICIAS

Bem-sucedida do ponto de vista de audiência e crítica e, ainda, um fenômeno comercial, a telenovela *Roque Santeiro*, escrita por Dias Gomes (1922-1999) e Aguinaldo Silva (1943-), enfrentou diversos percalços antes mesmo de sua primeira estreia, em 1975. Os censores da ditadura militar interpretaram como crítica ao regime o roteiro da telenovela, inspirada na peça teatral *O Berço do Herói*, também da autoria de Dias Gomes, cuja montagem nos palcos foi igualmente censurada. Unindo comédia, regionalismo e denúncia social, *Roque Santeiro*, assim como o texto dramático que o originou, apresenta a construção do mito homônimo fictício em uma pequena cidade interiorana brasileira e toda a engrenagem econômica, política e social em torno desse mito.

A estreia definitiva da telenovela seria apenas em 24 de junho de 1985, quando o país havia iniciado o processo de redemocratização, e o seu desfecho foi ao ar em 22 de fevereiro de 1986, após 209 capítulos. Apresentando personagens arquetípicas e adotando, muitas vezes, tom farsesco, *Roque Santeiro*, segundo Paiva (2001), demonstrou uma espécie de carnavalização bakhtiniana por misturar, em diferentes níveis, o sofisticado e o popular, o sublime e o grotesco, o misticismo e a sensualidade, produzindo, assim, alegorias acerca dos valores brasileiros. Para o autor, é essa alegoria que garante, através do tempo, o sucesso de telenovela de Dias Gomes e de Aguinaldo Silva (este assumiria a frente de alguns capítulos).

A exemplo da ficção literária, a ficção televisiva dramatúrgica se estrutura em torno de alguns elementos narrativos essenciais, como personagens, espaço, tempo e enredo. No caso de *Roque Santeiro*, são as personagens que, aparentemente, representam a carnavalização citada, representação esperada pelo próprio suporte da narrativa televisiva, baseada em som e imagem em movimento. As personagens da telenovela em questão manifestam, por meio de variados signos, as características do sincretismo bakhtiniano: os gestos, os figurinos, os bordões e os dialetos. Ainda vivem, no imaginário dos telespectadores, o universo de tipos que povoam a fictícia cidadezinha de Asa Branca, tais como a viúva Porcina (Regina Duarte), o coronel

Sinhozinho Malta (Lima Duarte), o prefeito Florindo Abelha (Ary Fontoura), a sua esposa Pombinha (Eloisa Mafalda) e a sua filha Mocinha (Lucinha Lins), o comerciante Zé das Medalhas (Armando Bogus), o professor Astromar (Ruy Rezende), a cafetina Matilde (Yoná Magalhães) e as suas dançarinas da boate Sexus, além do próprio Roque Santeiro (José Wilker), que retorna à Asa Branca 17 anos após ter forjado a própria morte. Entretanto, são as personagens femininas que parecem inverter, no interior do enredo, os arquétipos criados sobre si mesmas.

As personagens arquetípicas fazem parte da estilística de Dias Gomes e Aguinaldo Silva (as beatas, o prefeito leniente, o coronel corrupto, o comerciante ganancioso, o intelectual pernóstico, as mulheres sensuais, a viúva mandona, a virgem etc.), mas ao longo do desenvolvimento do enredo de *Roque Santeiro*, as personagens femininas demonstram as suas características carnavalizantes de maneira mais explícita que os seus congêneres masculinos. Ou seja, expressam mais facilmente o sincretismo entre o êxtase e a moralidade, o trágico e o cômico, a normalidade e o fantástico, a obediência às convenções sociais e à liberação pessoal. Citando alguns exemplos, a impetuosa viúva Porcina, ao longo de vários capítulos, tem envolvimento afetivo com diversos pares, porém, no desfecho da história, se recusa a partir com *Roque Santeiro* e permanece em sua relação com Sinhozinho Malta. A pudica Mocinha, ex-noiva de Roque, inicialmente apresentada como a eterna beata e autointitulada virgem, se torna menos passiva ao reencontrar o amado que julgava morto.

A presente análise, no entanto, se concentrará sobre duas personagens femininas de *Roque Santeiro*: viúva Porcina e Lulu, esta interpretada por Cássia Kis Magro, personagem que é esposa do controlador Zé das Medalhas. A proposta é investigar esse corpus sob o olhar das teorias feministas de Brah (1996) e Mohanty (2003) acerca do questionamento dos mitos em torno das mulheres do Terceiro Mundo como construção de gênero. Pelo viés dos estudos feministas ocidentais e, principalmente, europeus, tais mitos inserem as mulheres fora do domínio eurocêntrico e, portanto, à margem do chamado Primeiro Mundo, como dependentes, submissas, vitimizadas pelo binômio masculino opressor/feminino oprimido, tanto nas esferas ideológicas, religiosas e econômicas quanto nas sociais, sexuais e políticas.

O interesse em aplicar este arcabouço teórico em algumas personagens femininas de *Roque Santeiro* reside sobre o anteriormente citado caráter carnavalizado e polifônico de tais personagens, mas, principalmente, pelo modo como as mulheres, em seu enredo, concentram os dilemas e as contradições da mulher do chamado Terceiro Mundo, mais especificamente, a mulher brasileira. Dilemas e contradições cujo desenrolar ocorre em um formato ficcional eletrônico muito associado à produção de entretenimento e cultura do Brasil: a telenovela.

2 | VIÚVA PORCINA E LULU: MULHERES DE ASA BRANCA E DO TERCEIRO MUNDO

As personagens viúva Porcina e Lulu foram selecionadas por serem consideradas principais do enredo, ou seja, segundo as teorias das categorias narrativas, aquelas que movimentam esse enredo por meio das suas histórias individuais que, por sua vez, se entrelaçam e formam a textura ficcional de *Roque Santeiro*. Além deste protagonismo, ambas as personagens têm personalidades e trajetórias opostas entre si, porém sob a ótica teórica proposta por Mohanty (2003) e, também, por Davis (2016), Porcina e Lulu parecem deslizar, cada uma à sua maneira, para fora das categorias fixas relativas às mulheres do Terceiro Mundo.

Resgatando os conceitos-chave dos movimentos feministas ocidentais nos pós-guerra, Brah (1996) questiona a proposta de universalidade de tais conceitos, expressos em *slogans* como “a irmandade é global”. Para a autora, as vertentes teóricas e intelectuais desse feminismo ocidental, predominantemente branco e eurocêntrico, desconsiderariam as relações complexas entre raça, gênero e classe que moldam as vivências das mulheres que estão à margem das experiências eurocêtricas. As mulheres, como sujeitos cuja identidade de gênero é social e historicamente construída, devem ter consciência da materialidade de suas experiências, tão imbricadas por diferentes categorias externas. “O signo ‘mulher’ tem sua própria especificidade constituída dentro e através de configurações historicamente específicas de relações de gênero” (BRAH, 1996, p. 84, tradução minha).

A partir da década de 1980, começa a emergir, no interior de diversos movimentos feministas, as políticas de identidade e, conseqüentemente, a compreensão acerca dos discursos de raça, classe, poder e imperialismo acerca das mulheres não-brancas ou não-eurocêtricas e que são produzidos pelos estudos feministas predominantes. “(...) como um certo tipo de feminismo ocidental pode servir para reproduzir, mais que para enfrentar, as categorias através das quais ‘o ocidente’ constrói e representa a si mesmo como superior a seus outros” (BRAH, 1996, p. 99-100, tradução minha).

Os discursos feministas, especialmente os do Terceiro Mundo, são entrecortados por diversos vieses de raça, classe e poder, fator que, aparentemente, é ignorado pelos discursos feministas do Primeiro Mundo, e mesmo estes apresentam, em seu interior, diferentes vieses e reivindicações. Por exemplo, os das mulheres negras em grupos feministas europeus, ou das mulheres asiáticas neste grupo, assim como os das latinas, indianas, árabes, caribenhas, indígenas, operárias, imigrantes, homossexuais, moradoras das periferias. Tal caldeirão de características pode, inclusive, estar presente em um grupo só, e cada um pode levantar questionamentos distintos acerca das problemáticas relativas à construção do gênero feminino.

Em relação aos vieses que entrecruzam os discursos de gênero no Brasil, um país ocidental classificado como Terceiro Mundo, são evidentes as relações de raça, classe e poder, considerando as especificidades locais e regionais de um território

de dimensões continentais, além do tipo muito particular de colonização e da relação que a população estabelece com a própria mestiçagem. Sem excluir, ainda, a maneira como o modelo econômico neoliberal foi rapidamente imposto em uma economia essencialmente agrária. Todavia as personagens femininas de *Roque Santeiro*, por sua vez, transitariam em torno das relações sociais e de poder por causa da força econômica gerada, por sua vez, pela manutenção do mito do santo (falso) em Asa Branca, cidade cujo enredo demonstra o desejo de seus habitantes de, simultaneamente, entrar no chamado progresso neoliberal, mas com a manutenção das tradições conservadoras.

As relações de poder e de classe que cercam algumas personagens femininas de *Roque Santeiro* são oriundas do mito forjado em torno do protagonista. Ainda que, sob o ponto de vista das teorias feministas, seja pouco animador observar as trajetórias das personagens femininas atreladas a uma masculina, no caso de *Roque Santeiro*, todas as personagens, independentemente do gênero, estão ligadas ao falso santo, pois é ele o responsável por movimentar Asa Branca e o enredo da telenovela.

A viúva Porcina, assim conhecida, é, na verdade, viúva sem nunca ter sido. Após a suposta morte de Roque Santeiro e a aparição dos seus primeiros “milagres” entre a população, Porcina, a qual se envolveu com Roque em outra cidade, quando ele tentou vender as imagens de santos que produzia (por isso o apelido “santeiro”), chegou à Asa Branca com o personagem e declarou ser a esposa do falecido. Assim, ela adquiriu fama na cidade. Em seguida, Porcina inicia um relacionamento com Sinhozinho Malta, coronel influente cuja esposa falece ao tomar conhecimento da traição do marido. Sinhozinho ajuda a sustentar a extravagância de Porcina que, no entanto, não se curva aos desmandos do coronel. A personalidade desbocada da viúva é comentada pelas demais personagens desde o primeiro capítulo, a exemplo do seu figurino e maquiagem exagerados, aspecto que se estende à decoração de sua residência. O “estilo Porcina” fez sucesso, também, fora das telas, a despeito de ser caricatural e, na mecânica do enredo, tal estilo expressou o poder econômico e social da personagem, ainda que em tom farsesco (habilidosa nos negócios, Porcina torna-se proprietária de terras).

O caráter arquetípico das personagens em *Roque Santeiro* as fazem, por sua vez, funcionar por contrastes entre si. A posição de poder da viúva Porcina, que beira o coronelismo de Sinhozinho Malta, a opõe à personagem Lulu. Como exposto anteriormente, Lulu é esposa da personagem conhecida como Zé das Medalhas, que ascende socialmente comercializando medalhinhas e imagens de Roque Santeiro, ou seja, faz parte da engrenagem que explora o mito artificializado. Machista, ambicioso e possessivo, Zé das Medalhas restringe Lulu ao ambiente doméstico e religioso, junto com os dois filhos pequenos. Pelo fato de, ainda criança, ter sido a primeira a conversar com a aparição do “falecido” Roque Santeiro e testemunhado um suposto milagre na ocasião, a dona de casa é envolvida em uma aura quase sagrada pelo cônjuge e pelos habitantes de Asa Branca.

Ainda que Lulu e o marido pertençam a uma classe emergente, eles apenas

orbitam em torno das esferas do poder exercido por Sinhozinho Malta e a viúva Porcina, pois ambos são ligados à economia agrária, enquanto o lócus de Lulu e Zé das Medalhas corresponde à classe média urbana. Ambas as classes se beneficiam do falso mito graças à autoridade que acabam por exercer sobre a população e a economia locais, mas em relação à Porcina e à Lulu, como mulheres entrecruzadas pelas condições materiais e ideológicas, há, inicialmente, a sobreposição do discurso da viúva ao da dona de casa. Porcina se destaca, desde os primeiros capítulos, pela imposição de suas ideias, em especial, ideias a respeito de Roque Santeiro. Quando uma equipe de filmagem do Rio de Janeiro se instala em Asa Branca para gravar uma cinebiografia sobre o mito, a viúva invade as filmagens e exige o roteiro em suas mãos. Privilégio não concedido a Lulu, testemunha do primeiro “milagre” de Roque Santeiro.

Como mulher constituída pelas condições não somente locais, como, também, pelas condições fornecidas pela classificação de Terceiro Mundo, Porcina, neste aspecto, se encaixa na reflexão de Mohanty (2003) acerca da vitimização pela qual as mulheres nessa classificação são filtradas, em obediência às teorias feministas do Primeiro Mundo.

Uma análise da “diferença sexual” na forma de uma noção (...) singular, monolítica do patriarcado ou do domínio masculino, conduz a uma construção similarmente redutiva de uma noção homogênea que eu chamo de “Diferença do Terceiro Mundo” – algo a-histórico e estável que, aparentemente, oprime a maioria, ou senão todas as mulheres nestes países (MOHANTY, 2003, p. 335, tradução minha).

Se debruçando sobre vários discursos produzidos por tais teorias, Mohanty (2003) enxerga diversas categorizações da “Diferença do Terceiro Mundo”. A autora propõe uma espécie de “descolonização” desses discursos, para que o feminismo não enquadrado nos parâmetros brancos e eurocêntricos se autoanalise por meio de suas próprias categorias históricas e materiais. Mohanty (2003) também chama a atenção para o binarismo das posições homem opressor/mulher oprimida, leitura imposta pelas teorias do Primeiro Mundo, gerando a visão fossilizada da mulher de Terceiro Mundo em eterna repressão.

(...) uma noção homogênea da opressão das mulheres como um grupo é assumido, (...) produz a imagem de uma “mulher média do terceiro mundo”. Esta mulher média do terceiro mundo leva, essencialmente, uma vida truncada, com base em seu gênero feminino (leia-se: sexualmente reprimido) de “terceiro mundo” (leia-se: ignorante, pobre, sem instrução, tradicionalista, doméstica, familiar, vitimada etc.). Isto, sugiro, contrasta com a auto-representação (implícita) das mulheres ocidentais como educadas, modernas, com controle sobre seus próprios corpos e sexualidades e com a liberdade de tomar suas próprias decisões (MOHANTY, 2003, p. 337, tradução minha).

Na condição de mulher do Terceiro Mundo, amásia de um coronel que, em parte, sustenta os seus luxos, Porcina poderia, conforme a visão de um feminismo que se pretende dominante, se enquadrar na descrição da “mulher média do Terceiro Mundo”,

fixada nas características de opressão, violência e tradicionalismo. Contudo como descreve Hamburger (2007, p. 165), “Roque Santeiro trouxe a figura paradigmática de Porcina, decidida, extravagante e livre no amor”. Em meio ao seu tumultuado relacionamento com Sinhozinho Malta, repleto de idas e vindas a cada vez que é contrariada, Porcina se envolve com o ator e galã Roberto Mathias (Fábio Júnior), intérprete do falso santo na cinebiografia de *Roque Santeiro*. Ao retornar para Asa Branca, o pseudomito se esconde na propriedade de Porcina e os dois mantêm um relacionamento amoroso.

Em sua extravagância coronelista, a personagem corresponde a um ideal pouco associado às mulheres fora dos padrões etnocêntricos, pois ela transita em meio a significantes associados ao masculino, como a liberdade amorosa e a autoridade econômica e social, apesar desta última perpetuar certa opressão a outras mulheres. No entanto esta característica dividida entre a liberdade e a relação de poder é o que torna Porcina uma personagem tão polifônica e, ao mesmo tempo, contrária à rigidez das leituras feministas do Primeiro Mundo.

Em outras palavras, o discurso feminista ocidental, ao assumir a mulher como um grupo constituído coerente e integrado, que se enquadra em estruturas de parentesco, jurídicas, entre outros, define as mulheres do terceiro mundo como sujeitos fora das relações sociais, em vez de considerar a forma como as mulheres são constituídas como mulheres através dessas mesmas estruturas. Estruturas legais, econômicas, religiosas e familiares são tratadas como fenômenos para serem julgados pelos padrões ocidentais (MOHANTY, 2003, p. 351, tradução minha).

Na proposta descolonizadora de Mohanty, há diferentes categorias homogeneizantes acerca das mulheres de Terceiro Mundo, perpetradas pelo feminismo colonizador. Uma delas interpreta que essas mulheres são dependentes universais, isto é, que as relações que elas estabelecem com os indivíduos, sejam eles masculinos ou femininos, são baseadas na dependência e em sua conseqüente submissão às hierarquias de classe, raça, gênero, violência e imperialismo. Deste modo

as mulheres do terceiro mundo constituem um grupo identificável puramente com base em dependências compartilhadas. Se as dependências compartilhadas fossem tudo o que era necessário para nos unir como um grupo, as mulheres do terceiro mundo sempre seriam vistas como um grupo apolítico, sem status subjetivo (MOHANTY, 2003, p. 339, tradução minha).

Esta categorização uniformiza as mulheres do Terceiro Mundo em grupos sem poder político ou pessoal, além de reforçar que elas, assim como os homens, são constituídas pelos seus gêneros de maneira a priori, ignorando que esses gêneros são moldados quando os sujeitos se inscrevem nas relações sociais e históricas. “Mulheres são agora colocadas no contexto da família, ou no local de trabalho, ou dentro de redes religiosas, quase como se esses sistemas existissem fora das relações das mulheres

com outras mulheres e de mulheres com homens” (MOHANTY, 2003, p. 340).

No caso de Porcina, a sua existência como personagem é definida, em parte, pela relação que ela estabelece com as demais personagens, característica condizente com a estrutura do formato telenovela. Porém este mesmo formato deve criar um contexto específico para o desenvolvimento dos sujeitos no enredo, sendo o caráter alegórico de *Roque Santeiro* um dos elementos-chave para a compreensão da sua história, é possível dizer que Porcina é histórica e ideologicamente constituída. Citando *Roque Santeiro*, Hamburger (2007) assinala a capacidade de mobilização que o formato telenovela tem em discutir os temas de sua época.

Essas novelas [a partir dos anos 1960] captaram e expressaram o universo ideológico no interior do qual diversas forças políticas e movimentos culturais se posicionaram, abordando temas políticos em linguagem melodramática, tratando de “tradição” e “modernidade” em termos de bens de consumo, meios de transporte e comunicação e convenções de comportamento, sexualidade e relações de gênero e estrutura familiar (HAMBURGER, 2007, p. 163).

Como personagem entrecruzada pelos vieses históricos e ideológicos, mesmo que no âmbito ficcional, Porcina representa, de certa forma, uma subjetividade própria, por mais paradoxal que isto possa parecer. Ou seja, ela se caracteriza como sujeito que carrega idiossincrasias, mas que, ao mesmo tempo, exerce as relações de poder e de gênero e se relaciona com elas, sem estabelecer uma associação passiva ou homogênea, tal qual interpretam algumas das teorias feministas do Primeiro Mundo.

A personagem Lulu, por sua vez, está, aparentemente, na esfera discursiva e social oposta a de Porcina. Diferente da viúva, Lulu é restringida ao papel de mãe, dona de casa e esposa, não apenas por causa dos ciúmes do marido, mas pela aura próxima do sagrado que lhe é atribuída por ter testemunhado a primeira aparição de *Roque Santeiro* como mito. Também marcada como mulher do Terceiro Mundo, a personagem parece reproduzir as imagens fixas e a-históricas atribuídas ao feminismo não-eurocêntrico.

Enquanto o marido, Zé das Medalhas, se ocupa do comércio crescente de mercadorias relacionadas a *Roque Santeiro*, Lulu tem a sua função restrita ao ambiente doméstico, reforçada, paralelamente, à atividade do cônjuge, marcando o lugar da personagem feminina ao âmbito privado, e do masculino, ao âmbito público. Ao resgatar a história do trabalho doméstico como atividade considerada essencialmente feminina, Davis (2016) faz uma analogia entre tal trabalho e a expansão capitalista.

(...) o trabalho doméstico era naturalmente uma forma de trabalho inferior comparado com o trabalho capitalista. A reavaliação da produção econômica revelou - para além da separação física da casa e fábrica - uma separação fundamentalmente estruturada entre a economia doméstica e a orientação para o lucro na economia capitalista. Desde que o trabalho de casa não gerasse ganho, o trabalho doméstico era naturalmente definido como uma forma inferior de trabalho se comparado com o salário capitalista do trabalho (DAVIS, 2016, p. 162).

Em muitas cenas da telenovela, Zé das Medalhas é mostrado circulando pelo espaço público: a loja de souvenirs, as ruas, a praça, a prefeitura, as conferências com Sinhozinho Malta e Porcina para a expansão dos negócios. Lulu, por sua vez, se divide entre a casa e a igreja e, nas raras vezes em que acompanha o marido, é silenciada, muitas vezes, de forma violenta, a exemplo de suas incursões à boate Sexus. São nestas raras incursões que a personagem reconhece o verdadeiro Roque Santeiro, mas ela pouco se manifesta sobre o assunto.

A reviravolta de Lulu ocorre por meio das relações extraconjugais com o galã Roberto Mathias (Fábio Júnior) e o forasteiro Ronaldo César (Othon Bastos). Todavia estas aventuras não lhe satisfazem, e a personagem sai de casa deixando apenas uma carta para o marido. A sua última cena no enredo é o seu desembarque de um ônibus, sozinha, em alguma grande cidade. Zé das Medalhas, deprimido, morre, literalmente, afogado pelas medalhinhas de sua fábrica, após deixar o maquinário ligado incessantemente.

Nas categorias homogeneizantes expostas por Mohanty (2003), Lulu se encontraria instalada na categorização de dependência universal feminina e, especialmente, na mulher de Terceiro Mundo e nas ideologias religiosas. A autora concentra o seu foco nas mulheres islâmicas, mas, no entanto, a ideologia judaico-cristã embebida em *Roque Santeiro* rotula igualmente a personagem como beata ou santificada, sem subjetividade ou sujeita à atuação de outros discursos. Conforme afirma Mohanty (2003, p. 342, tradução minha), “outro exemplo do uso de ‘mulheres’ como uma categoria de análise é encontrado em análises interculturais que subscrevem um certo reducionismo econômico ao descrever a relação entre a economia e fatores como a política e a ideologia”.

Enquanto o Islã, segundo algumas teorias feministas colonizadoras do Primeiro Mundo, é vista à margem das práticas sociais e das relações econômicas, sendo tal concepção estendida às mulheres islâmicas, as interpretando como indivíduos oprimidos por uma religiosidade patriarcal (MOHANTY, 2003, p. 342), é possível perceber que Lulu, no interior das práticas cristãs, tem a sua identidade apagada, subscrita somente como mãe e esposa, na vivência de uma espécie de cristianismo essencialista, mas que, por sua vez, não se desagrega da atividade econômica. Não apenas por causa da profissão do marido. É justamente o ofício dele que mantém, duplamente, Lulu encerrada na vida doméstica e conserva a estabilidade de Asa Branca. Como mulher do Terceiro Mundo, por um lado, a personagem corresponde à visão colonizadora de tradicionalismo e apego à religiosidade. Contudo Lulu a subverte quando se aventura fora do casamento e, especialmente, quando abandona tais relacionamentos e forja a própria subjetividade sem a aprovação masculina, advinda tanto marido quanto dos amantes.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lulu, assim como Porcina, desliza para fora do significativo “mulher média do Terceiro Mundo” e tem a sua identidade forjada pelas relações plurais de gênero, classe, poder e ideologia, assim como pelos percursos históricos e sociais. A personagem está submetida às forças locais, no sentido macro e micro. Macro porque abrange os aspectos particulares de um país ocidental, mas de Terceiro Mundo, que se encontra em situação paradoxal: a sua economia foi jogada à força no desenvolvimento neoliberal do Primeiro Mundo, região que exercia (e ainda exerce) influência sobre o Primeiro Mundo, principalmente, no jogo econômico. Simultaneamente a esta adaptação capitalista, o Brasil ainda se vê às voltas com os resquícios de sua economia agrária e a sua rápida urbanização, mudanças cujo ímpeto não deixou, talvez, o país resolver a própria identidade e as questões de raça, classe, gênero, poder e colonização.

O micro funciona por meio do microcosmo nacional representado por Asa Branca e os seus habitantes, dentro da estrutura narrativa de *Roque Santeiro*. Em chave alegórica, esta telenovela refletiu e discutiu as questões pertinentes à macroestrutura. As personagens arquetípicas, femininas e masculinas, obtiveram rápida identificação por parte do público telespectador, que se via às voltas com as novas questões propostas pela redemocratização, após 25 anos de ditadura militar.

Curiosamente, as personagens femininas da telenovela é que melhor expressaram o viés carnalizante e polifônico típico das obras do autor Dias Gomes, por contrariarem, fortemente, os estereótipos próprios dos arquétipos. Porcina, a falsa viúva do falso santo, amante de coronel, excêntrica e geniosa, se revela uma mulher ciosa da própria liberdade, assim como do poder que exerce nesta engrenagem da pseudossantidade de Roque Santeiro. Lulu, por sua vez, infantilizada, silenciada e beatificada, igualmente parte da engrenagem econômica e social oriunda do mito, busca uma libertação cuja passagem inicial é feita pelos relacionamentos amorosos e, finalmente, por si mesma, como mulher.

As complexas relações que envolvem essas mulheres de Terceiro Mundo, mesmo que na ficção, de acordo com as visões de Brah (1996) e Mohanty (2003), são planejadas quando migram para o olhar do Primeiro Mundo. O padrão ocidental, branco e eurocêntrico influenciou alguns estudos feministas desta região, colocando, discursiva e imagetivamente, as mulheres à margem do desenvolvimento neoliberal em categorias fixas de vitimização, pobreza, violência, falta de educação formal, tradicionalismo, religiosidade, repressão sexual e dependência. Tal fixação de conceitos engendram as mulheres do Terceiro Mundo em grupos homogêneos, despidos de subjetividade, ação política e poder de decisão.

No contexto da telenovela *Roque Santeiro*, duas de suas personagens principais, Porcina e Lulu, colocadas em lados opostos do enredo por causa das relações de poder, se aproximam quando questionam as relações uniformizantes de dependência e de ideologia religiosa. Não somente relações ditadas pelas personagens masculinas,

mas também, pelas demais personagens femininas.

Como formato voltado ao melodrama e ao entretenimento, a telenovela criou raízes no Brasil por ter se constituído como um púlpito para a discussão de temas públicos e privados. A alegoria do enredo de *Roque Santeiro* entendeu tal demanda muito bem e, quem diria, colocou, há quase 30 anos, o feminino de Terceiro Mundo em evidência.

REFERÊNCIAS

BRAH, A. Questions of “difference” and global feminisms. In: BRAH, A. **Cartographies of Diaspora: contesting identities**. New York: Routledge, 1996. p. 84-95.

DAVIS, A. A aproximação da obsolescência do trabalho doméstico: a perspectiva da classe trabalhadora. In: DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016. p. 158-171.

GOMES, D.; SILVA, A. **Roque Santeiro** [telenovela]. Produção de Ítalo Granato, direção de Paulo Ubiratan. Rio de Janeiro, Rede Globo de Televisão, 1985-1986. 16 DVDs, formato original 480i/SDTV, color. son.

HAMBURGER, E. I. A expansão do “feminino” no espaço público brasileiro: novelas de televisão nas décadas de 1970 e 80. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 153-175. jan./abr. 2007.

MOHANTY, C. T. Under western eyes: feminist scholarship and colonial discourses. In: MOHANTY, C. T. **Feminism without borders: decolonizing theories, practicing solidarity**. London: Duke University Press; Durham and London, 2003. p. 333-358.

PAIVA, C. C de. Roque Santeiro: uma alegoria do Brasil. **BOCC** – Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, p. 1-12. 2001. Disponível em: www.bocc.ubi.pt/pag/paiva-claudio-roque-santeiro.pdf. Acesso em: 4 nov. 2018.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ação discursiva 87
Alimentação saudável 102, 114
Antropologia do Consumo 87, 100
Arte 42, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 58, 93, 102
Assessoria de comunicação 60, 62, 65, 67
Assessoria de imprensa 60, 62, 67
Audiovisual 76
Autismo 1, 2, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 15, 16, 17, 18, 19, 20

B

Basurama 41, 43, 44, 45, 47, 48
Bravo! 50, 52, 53, 58, 117

C

Carnavalização 76, 77
Cidadania 41, 42, 44, 46, 47, 49, 93, 114
Comunicação Integrada 60, 67, 68, 73, 74, 106, 114
Comunicação organizacional 61, 67, 74, 102, 103, 106, 108, 114, 116
Consumo consciente 87
Cotidianidade 102, 103, 104, 108, 109, 113
Cristo Salvador 22, 23, 24, 29, 30, 31

D

Design 41, 42, 43, 45, 48, 49, 52, 54

E

Educação do consumidor 87
Educandos 5, 22, 23, 27, 28, 32, 35, 37, 38, 40
Ensino e aprendizagem 10, 19, 20, 23, 24, 26, 32, 35
Escola 1, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 57, 88
Estudo de caso 1, 61, 62, 68, 73
Estudos da linguagem 102

F

Família 1, 3, 4, 5, 9, 10, 12, 14, 16, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 82, 90, 97
Fast Food 102, 104, 106, 109, 110, 111, 112, 113, 114
Feminismo 76, 79, 81, 82, 83
Formação de consumidores 100

H

Hipoícones 50, 54, 55, 57, 58

I

Ícones 50, 55

Inclusão 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 14, 16, 17, 19, 20, 91, 97

Intervenção urbana 41, 44, 45

J

Jornalismo Cultural 50, 51, 52, 53, 58, 59

L

Letramento em Marketing 87, 88, 89, 100

Linguagem híbrida 41

Ludicidade 41

M

Maúba 22, 23

Mercado jornalístico 60

Mídias sociais 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 74

P

Pará 1, 22, 30

Parcerias 22

Participação familiar 22, 23, 25

Pesquisa bibliográfica 1

Pós-modernidade 87, 90, 100

R

Revista 14, 15, 49, 50, 52, 53, 55, 56, 58, 75, 114

Roque Santeiro 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86

S

Semiótica 49, 50, 51, 56, 57, 58, 59

Sensibilização 87, 89

Sociedade de consumo 44, 102, 103, 104, 105, 108, 109, 114

Sustentável 41

T

Telenovela 76, 77, 78, 80, 83, 84, 85, 86

Terceiro mundo 76, 78, 79, 81, 82, 83, 84, 85, 86

Transformação social 41, 44

 **Atena**
Editora

2 0 2 0